

PRÁTICAS CULTURAIS: INFOMEMÓRIAS E SABERES NO CANDOMBLÉ

CULTURAL PRACTICES: INFOMEMORIES AND KNOWLEDGE IN CANDOMBLÉ

Dulce Edite Soares Loss^a

Carlos Xavier Azevedo Netto^b

RESUMO

Objetivo: As práticas culturais na socialização dos saberes ancestrais nos terreiros de Candomblé, nominada pelos seus praticantes Hungbê, com tradução na linguagem portuguesa - educação de *àşę* -, rasuram as linhas abissais do pensamento cartesiano hegemônico na modernidade. A presente pesquisa baseada na perspectiva pós-abissal e descolonizadora deste pensamento na pós-modernidade tem como objetivo identificar o processo infomemorial e a multiplicidade dos saberes específicos no Candomblé presentes nas práticas culturais de seu cotidiano. **Metodologia:** Com uma abordagem qualitativa a metodologia utilizada foi da observação participante, por meio de conversas informais e da realização de entrevistas semiestruturadas com pais/mãe de santo e uma *Êkéjì*, nação Angola e Ketu, que serviram de fontes de informações. **Resultados:** O resultado apresentado revela que, por meio de um Hungbê, os saberes ancestrais no Candomblé permeado por singularidades e características próprias, apresentam as seguintes particularidades: ocorre em ambiente religioso, no cotidiano, não apresenta uma metodologia e todo aprendizado acontece por meio da pedagogia do ritual sagrado nos espaços de terreiro. **Conclusões:** Conclui-se que, primando pela liturgia do culto Candomblé, no processo infomemorial dos saberes nas práticas culturais nos espaços de terreiro, crianças, adolescentes e adultos aprendem, de forma ritualística e celebrativa, conhecimentos religiosos culturais, salvaguardados de geração a geração.

Descritores: Pensamento Abissal/Pós-Abissal. Candomblé. Infomemórias. Saberes.

1 INTRODUÇÃO

A discussão que mobiliza nossa pesquisa compreende o *Hungbê*, em uma tradução, educação de *àşę*, como práticas culturais, na socialização de múltiplos

a Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: dulceloss@hotmail.com

b Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Brasil. E-mail: xaviernetto@gmail.com

saberes ancestrais em um terreiro de Candomblé indo de encontro ao pensamento abissal europeu, que inferioriza modos de produção de conhecimento e saberes; voltando-se ao pensamento pós-abissal, descolonizador, que estabelece um reconhecimento da pluralidade de conhecimentos e saberes que historicamente foram discriminados, ou seja, não validados no mundo acadêmico.

O *Hungbê* tem na ancestralidade a conscientização do homem e da sociedade a seu próprio respeito, conectando conhecimentos, por meio dos mais variados mecanismos instituídos pelos ancestrais, contendo uma “materialidade própria do complexo social a ela referido” (Leite, 2008, p. 380).

Nesse contexto, as práticas culturais em sua socialização, em um terreiro de Candomblé, têm como elementos o culto aos ancestrais, alimentação, músicas e vestimentas, a beleza poética das danças de deuses, a riqueza simbólica dos mitos e ritos pertinentes ao culto e o sentido da ética do comportamento humano nas relações que estabelecem entre si e com a natureza, promovendo em suas práticas culturais uma socialização à luz da diversidade étnica e cultural (Loss, 2020).

Práticas culturais socializadas em um terreiro de Candomblé nos remetem ao século XVI, em que o pensamento científico moderno, nominado pensamento cartesiano moderno ocidental, instaurou uma racionalidade abissal, dividindo esta realidade “entre aquilo que está na lógica racional como verdade, e aquilo que está fora da lógica racional como residual e incompreensível” (Costa, 2017, p. 3), em detrimento de conhecimentos alternativos, entre eles uma filosofia africana.

Neste cenário o pensamento cartesiano moderno ocidental hegemônico, cria durante séculos,

[...] linhas radicais invisíveis que separa os conhecimentos científicos dos não científicos e concede a ciência moderna o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso gerando a exclusão e a eliminação total de todos os conhecimentos construídos do outro lado da linha tidos como não conhecimentos (Silva, 2013, p. 37).

A racionalidade abissal, assim, anula outras formas de conhecimento, tais como: os saberes populares, saberes indígenas, saberes das comunidades de

terreiro e outras formas de conhecimento. Posicionar-se contrária a esta vertente abissal é reconhecer que os terreiros de Candomblé são espaços onde se produzem conhecimentos, valores e práticas culturais reais e válidas por meio de um processo infomemorial em seu cotidiano.

Nesse sentido, no trabalho em tela, toma-se uma análise das práticas culturais socializadoras dos saberes inserida na linha da racionalidade pós-abissal, surgida na pós-modernidade. A racionalidade pós-abissal longe de ser delimitadora e excludente, pressupõe uma valorização de saberes e valores que vão mais além do que a ciência moderna é capaz de comportar em sua epistemologia excludente.

Para Santos (2010, p. 51) “o pensamento pós-abissal parte da ideia de que a diversidade do mundo é inesgotável e que esta diversidade continua desprovida de uma epistemologia adequada”. Ao se debruçar por este viés epistemológico compreende-se que o *Hungbê*, em seu processo infomemorial não apresenta uma única forma, um único saber de conhecimentos válidos, e sim múltiplas formas de saberes construído cotidianamente pelos seres humanos, por meio de informações em suas práticas sociais.

Quando se fala em práticas culturais envolvendo um ensino/aprendizado nos terreiros de Candomblé, Brandão (1984, p. 13) afirma que “por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra”. E, complementa, o ensino/aprendizado acontece “em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (Brandão, 1984, p. 7).

Dito isso, a vida cotidiana de um terreiro de Candomblé tem nas práticas culturais na socialização dos saberes, uma tradição histórica cultural africana milenar ressignificada em terras brasileiras (Loss, 2020). Edificando-se sobre uma disciplina rígida, de rituais litúrgicos que a religião impõe para efetivar uma senioridade¹, essas práticas apresentam no seu teor um processo infomemorial tendo a oralidade como veículo para a sua transmissão. Este processo infomemorial se torna legitimada pela tradição oral, presente no antigo

¹ Regra fundamental no Candomblé, que define os mais velhos de uma forma diferenciada.

continente africano mesmo onde existia a escrita, como na África Ocidental, a partir do século XVI (Bâ, 1982).

A vivência e experiência da pesquisadora no Candomblé, 30 anos de iniciada na religiosidade, com um cargo hierárquico, permitiu a percepção que no cotidiano de um terreiro se desenvolve um processo informacional pedagógico, de construção e transmissão de saberes culturais que leva a seguinte questão: *quais são os saberes ancestrais apreendidos e disseminados no processo infomemorial nas práticas culturais cotidianas de um terreiro de Candomblé?*

Compreende-se que o termo infomemória se dá por meio da representação do conhecimento na disseminação de informações oriundas de uma memória ancestral africana enquanto guardiã do passado nas comunidades de *àșe*. Sendo assim, entende-se que as infomemórias não se limitam a uma avaliação crítica de um passado, e sim estabelece com esse passado uma socialização nos espaços de terreiro preservando diálogos interpessoais, a partir de dispositivos materiais e imateriais dotados de informação potencial a respeito de uma cultura africana (Nascimento; Azevedo Netto, 2016).

Dito isso, o trabalho em tela tem como objetivo geral identificar o processo infomemorial e a multiplicidade dos saberes específicos no Candomblé presentes nas práticas culturais de seu cotidiano. Compreender a dinâmica do processo infomemorial e a preservação dos saberes nesses espaços assim como, sua circulação, apreensão, difusão, e perpetuação é dar visibilidade às práticas proveniente de uma cultura africana, nos quais os sujeitos oprimidos e constantemente violentados em suas identidades se tornam para a pesquisadora de suma valia, considerando que, a história da cultura do negro escravizado e seus saberes culturais representam, além de uma expressão de religiosidade, a manifestação genuína das culturas formadoras da sociedade brasileira - a cultura africana.

2 CANDOMBLÉS UM CULTO A ANCESTRALIDADE

Candomblé – culto aos ancestrais divinizados - formado no período colonial é brasileiro (Prandi, 2005; Verger, 1981), uma herança cultural e

religiosa construída a partir da memória dos negros escravizados que, aportaram nestas terras por meio da diáspora negra. Segundo Prandi (1995, p. 115):

A presença do negro na formação do povo brasileiro foi decisiva para dotar a cultura brasileira dum patrimônio mágico-religioso, desdobrando em inúmeras instituições e dimensões materiais e simbólicas, sagradas e profanas, de enorme importância para a identidade do país e de sua civilização.

Destaca-se que a “Diáspora Africana” ou “Diáspora Negra” no período colonial brasileiro, evidenciou a importância da memória ancestral como símbolo mantenedor dos saberes ancestrais culturais afrodescendentes, revelando-se fundamental para a manutenção de uma prática social cultural vivenciada pelo “túnel do tempo”, “revisitado pela memória”, no qual “encontra-se toda a herança cultural do ser humano” praticante dessa religiosidade (Sampaio; Oliveira, 2013, p. 39).

Por memória, entendemos a faculdade inerente e privilegiada do ser humano, que permite narrar lembranças e reconstruir um passado articulado com o presente. Para Azevedo Netto (2007, p. 15) “memória é movimento, é continuidade, é dinâmica. Como algo atual, ela não finda no passado, mas aponta para o futuro pela tradição e pela experiência vivida no presente”.

Dito isso, as comunidades de *àçê* tornaram-se um instrumento potencial da cultura africana, local onde saberes ancestral se encontram e representam uma rica fonte de informação, revelando em seus espaços um universo simbólico, suporte de memórias, tradições e sabedorias, vivenciado no seu cotidiano por meio de práticas culturais.

Williams (1979) chama de “tradição seletiva” as heranças do passado que são transpassadas para o interior de uma cultura dominante, que se estende até o presente, já tendo sido lidas e “relidas” e, automaticamente, remodeladas com a finalidade de darem suporte ou, no mínimo, não contradizerem o seu estado atual. Nas palavras do autor, a tradição será sempre seletiva, “uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e um presente pré-modelado que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural” (Williams, 1979, p. 118).

No que se refere à prática cultural no ensino/ aprendizado no cotidiano de um terreiro, podemos afirmar que a tradição é a “escola”, um conjunto de

modelos, normas, padrões veiculados pela memória dos mais velhos e costumes coletivos de uma nação, com a função de ordenar a existência cotidiana como se vê no diálogo travado com *Mam'etu* de *Òṣàlùfàn* “aprendi e aprendo com meus mais velhos, família e amigos da tradição a qual pertenço, Kongo/ Angola”.

O processo infomemorial presente nas práticas culturais de uma comunidade de *àṣẹ*, apresenta uma gama de saberes ancestrais em diferentes nuances procedente dos valores civilizatórios de uma tradição histórica africana que são formadores de futuros líderes de terreiros. Uma prática social, presente no cotidiano de um terreiro, que envolve uma construção cultural e humana, conforme o relato de nossa interlocutora, configurando nos espaços de *àṣẹ* a sobrevivência dos saberes ancestral e a atualização de padrões culturais, possibilitando a apreensão e disseminação da informação que expressa valores, normas de comportamento, como o respeito aos mais velhos, a preservação da natureza e linguagens próprias difundidas pela memória de geração a geração.

Para Giddens (1984, p. 67), práticas sociais são “procedimentos, métodos ou técnicas hábeis executados apropriadamente pelos agentes sociais”, sendo dinâmica no tempo e no espaço e considerada “herança de tradições, normas, regras e rotinas geradas e repetidas nas atividades diárias, que alcançam, assim, o caráter de algo legítimo”, isso é, aquilo que é de fato realizado.

Michel de Certeau, em seus estudos, parte do pressuposto de que é a relação social que determina o indivíduo e não o inverso, “a relação (sempre social) determina os seus termos e não o inverso” (Certeau, 1988, p. 38), por isso, só se pode apreendê-lo a partir de suas práticas sociais. De modo analítico e sensível, o autor percebe a individualidade como o local onde se organizam, às vezes, de modo incoerente e contraditório, a pluralidade da vivência social. Em seus estudos, o autor define o conceito de cotidiano como um conjunto de operações singulares que, às vezes, dizem mais de uma sociedade e de um indivíduo do que a sua própria identidade.

Para o sociólogo português José Machado Pais (2002) o cotidiano é um lugar privilegiado da análise sociológica, na medida em que é indicativo, por excelência, de determinados processos de desempenho e de transfiguração da sociedade que as transpassam. No campo da filosofia marxista a húngara Heller

(2004, p. 20) afirma “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”.

Dito isso no Candomblé infomemórias, tradição, reúnem nas práticas sociais e no cotidiano de um terreiro sabedorias de uma cosmologia africana, assegurando uma continuidade histórica deste universo cultural.

3 METODOLOGIA

Utilizando nessa abordagem procedimentos de observação participante, conforme Ingold (2014), a pesquisa realizada tem como base um conjunto de dados produzidos que devem ser interpretados, compreendidos e contextualizados. Para Ingold (2014, p. 8) praticar a observação participante “é se juntar em correspondência àqueles com quem aprendemos ou entre os quais aprendemos”.

Nesse sentido a participação nos fazeres de uma casa de Candomblé, nestes anos de iniciada permitiu uma escrevivência com maior flexibilidade, criatividade e informalidade na temática proposta. O modo de compreensão da realidade junto aos seus adeptos foi outro fator por nós considerado nesta abordagem.

Escrevivência é um termo criado pela escritora e educadora Conceição Evaristo que define a escrita que surge do cotidiano, das lembranças e da experiência de vida de uma pessoa e do seu povo. “A escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade” (Evaristo, [202-?] *apud* Herminio, 2022, p. 1).

Complementando nossa abordagem realizamos conversas informais no terreiro e entrevistas semiestruturadas com pais/mãe de santo e uma *Èkéjì*, que se tornaram nossas de fontes de informação. Foi entrevistada uma *Mam’etu* (mãe de santo, nação *Angola*), dois Babalorixás e uma *Èkéjì* (nação *Ketu*) na faixa etária de 40 a 70 anos, na cidade de João Pessoa - PB e Campinas - SP. Para este artigo preserva-se a língua *Yorùbá* assim como o termo *Òrìṣà* para defini-los. Onde se vê S, lê-se X. Os participantes são codificados pelos nomes das divindades aos quais foram iniciados.

Como qualquer pesquisa, ela depende também de uma pesquisa

bibliográfica, pois mesmo que existam poucas referências sobre o assunto pesquisado, nenhuma pesquisa hoje começa totalmente do zero. Em um levantamento bibliográfico os teóricos enfocados foram Brandão (2002) em educação popular, Santos (2010) pensamento abissal, Geertz (1989) na cultura, Prandi (2005, 1995), Verger (1981) na religião, Machado (2006) e Caputo (2012) nas práticas sociais em um terreiro de Candomblé, dentre outros que trabalham estas temáticas como uma construção socialmente e temporalmente circunstanciada. Dentre os conceitos utilizados, informação, memória, cultura, práticas sociais, cotidiano, saberes.

A pesquisa está ancorada na Ciência da Informação que fornece um espaço para analisar um processo informacional desde a sua formação até o processo de transformação de um indivíduo pela informação, isto é, naquilo que Wersig (1993) denomina "informação como conhecimento em ação". Para este trabalho adota-se a definição de Marteleto (1986, p. 51) em que informação é vista como "um fenômeno construído socialmente, através das relações sociais, em seus diferentes níveis e ambientes. Portanto, é um produto das relações sociais, gerado num contexto histórico-social definido".

A partir desta definição compreende-se que os saberes ancestrais transmitidos na oralidade e nos fazeres no cotidiano de um terreiro de Candomblé têm um papel importante no sentido de conhecimento comunicado na sociedade do santo, no qual entendemos o conhecimento como sendo construído com base na percepção da estrutura de uma comunidade de terreiro, ou seja, com base na informação (Wersig; Neveling, 1975) produzida, distribuída e consumida.

Capurro e Hjørland (2007) afirmam que o conceito de informação, cotidianamente, é usado no sentido de conhecimento comunicado. O estudo da sistematização da conceituação de informação realizada por Capurro (2003) relaciona o conceito do termo a três principais paradigmas, o Físico, o Cognitivo e o Social. Para este trabalho a abordagem é apreciada sob o olhar do Paradigma Social, que aflora da necessidade de se reconsiderar uma compreensão de um processo informacional na educação nas relações sociais. Nesse paradigma, a natureza social da informação é levada em consideração

pelo conhecimento compartilhado por uma comunidade ou grupo em um determinado contexto.

4 PRÁTICAS CULTURAIS EM UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ E SEUS SABERES

As práticas sociais culturais em um terreiro de Candomblé são articuladas a valores, simbolismos, saberes e visões de mundo em que o ensino aprendizagem é sociabilizado na vivência e experiência cotidiana, independente de idade, orientando ações e comportamentos do grupo no qual se está inserido.

Caputo (2012, p. 138) assim se expressa sobre as práticas culturais nos espaços de um terreiro e o processo de ensino/aprendizado nele existente,

é na experiência que se aprende e se ensina [...], com tudo se ensina e com tudo se aprende, numa rede espalhada de conhecimento e experiência tanto espiritual quanto material”, já que as práticas culturais e os saberes “estão impregnados nas vidas dos integrantes do culto.

Com métodos próprios de aprender e ensinar, diferentemente da escola, instituição social que tem no seu conceito a construção e socialização de conhecimentos por meio de uma didática previamente estabelecida, as práticas culturais “nos espaços de terreiro compreendem um lugar atemporal”, acontece em ambiente religioso, de modo espontâneo, contínuo, circular e constante no cotidiano, vinculado à observação e à oralidade. Não seguem uma didática rígida, tampouco uma didática intencionalmente organizada, embora exista uma lógica orientadora como específica (Machado, 2006, p. 22).

Sob esta ótica as práticas culturais ganham um alargamento nos processos educativos, *Hungbê*, em que o saber está para além de um único local privilegiado de circulação de conhecimento e consequentemente de aprendizados como se vê na entrevista concedida pelo Babalorixá de *Ògún*, em, “o *Hungbê* no terreiro acontece no dia a dia, nas conversas dos mais velhos para os mais novos, nas práticas ritualísticas ensinando os saberes da nossa cultura, do nosso dia a dia religioso e orientando para o mundo lá fora”.

Na fala do Babalorixá de *Ògún* percebe-se que as práticas culturais no cotidiano de um terreiro acontecem por meio de situações presenciais e

experiências vividas por cada indivíduo em suas relações interpessoais. O saber flui ao sabor do tempo, pelo ensinamento dos mais velhos, os competentes da informação, para os mais novos por meio de informações feitas na oralidade transbordando um significado existencial vivido na comunidade, uma filosofia de vida, impregnada por uma cultura africana que perpassa os muros do terreiro orientando os sujeitos em seus comportamentos diante de suas dificuldades, transmitindo uma visão de mundo, orientando-os para a vida.

Entende-se que a competência em informação diretamente relacionada às atitudes que facilitam criar e compartilhar o conhecimento, ou seja, com o aprendizado ao longo da vida. Na pesquisa em tela considera-se que o conceito de competência da informação engloba "além de uma série de habilidades e conhecimentos, a noção de valores ligados à dimensão social e situacional" (Dudziak, 2003, p. 30).

O antropólogo Brandão (2002, p. 22), ao abordar a educação popular como cultura se refere a "tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado", nesse sentido as práticas culturais no ensino/aprendizado tornam-se uma fração do modo de vida nestas comunidades de *àșe* que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, incorporando os sujeitos sociais que o praticam ao mesmo tempo em que são afetados por ela.

Ao falarmos sobre cultura nas religiões de matriz africana atenta-se ao antropólogo Geertz (1989, p. 15) que a define como "uma 'teia de significados' tecida pelo próprio homem e onde ele se acha amarrado", no qual conduz a pesquisadora a analisar as práticas culturais e os saberes ancestrais no Candomblé, como um conjunto de ações nas relações sociais no qual os sujeitos estão inseridos, ou seja, "um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida" (Geertz, 1989, p. 66).

Sendo assim, entende-se que o ensino/aprendizado nesta religiosidade é um domínio da cultura; socialmente é condição permanente em que a cultura é recriada e, individualmente é condição de criação e formação da própria pessoa na medida em que "aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa,

ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura” (Brandão, 2002, p. 18).

Para Ingold (2011), a natureza não é percebida como uma coisa estática, mas como uma intrincada teia de relações entre organismos e ambientes, onde todos os elementos se influenciam mutuamente. Da mesma forma, a cultura não é concebida como uma camada sobreposta à natureza, mas sim como uma manifestação natural de como os seres humanos habita, interage e responde ao mundo (Ingold, 2011).

Sobre natureza e cultura o autor defende que não existe diferença entre as duas, pois nossa existência encontra-se profundamente entrelaçada à natureza, sendo que nossas práticas culturais é uma manifestação direta de nossas interações com o meio ambiente, não constituindo meramente uma entidade separada deste. Essa perspectiva de Ingold (2011) conduz a uma compreensão mais profunda da natureza e da cultura como processos contínuos e intrinsecamente interconectados.

Retornando às práticas culturais nas comunidades de *àșe*, destaca-se que não se trata apenas das temáticas que abordam os saberes que refletem um conhecimento da religião como se observa no diálogo com o Babalorixá de *Șàngó* “No Candomblé aprendemos desde nossa chegada ao terreiro a respeitar o seu mais velho, respeitar uma hierarquia, pois a partir do momento que você não respeita o seu mais velho você não é um bom filho de santo, então, tudo começa por este aprendizado”. Na fala de nosso interlocutor, entende-se que “submissão hierárquica é sabedoria e não humilhação” (Tavares, 2000, p. 143). O respeito aos mais velhos é o primeiro ensinamento aos neófitos no Candomblé, se tornando condição primária para que ele se torne um *agbá*, ou seja, um velho respeitável e sábio.

A ética, outro dos aprendizados nessas comunidades compreende uma determinada visão de mundo, uma cosmologia presente na mitologia africana que pauta um comportamento ético vinculado aos seus *Òrìșàs*, pois é em torno deles que irá se formar um código de conduta. Já em relação à preservação da natureza em uma conversa informal com *Èkéjì* de Oșun por ocasião de uma entrega de um balaio com flores e alimentos ela salientou sobre a necessidade

de preservação da natureza. Nas suas palavras a natureza são os *Òrìṣàs*, e devemos como filhos de santo deixar somente materiais facilmente decompostos por ela. E ainda, isto é um respeito com a mata e com os *Òrìṣàs*, uma postura ética que ensinamos a todos aos filhos da casa.

Para, além desses ensinamentos, as práticas culturais inserem os seus adeptos em diversas atividades, tais como a promoção da cidadania, incentivando, os estudos oferecidos na escola formal de ensino, “na minha casa incentivamos nossos filhos a estudar, a ir para uma universidade e lutar pelos seus direitos no mundo lá fora do terreiro” (*Mam’etu Òṣàlùfàn*).

Dito isso compreendemos que a ideia do verdadeiro ensino/aprendizado nas práticas culturais no Candomblé é o de socializar por meio de um processo informacional a apropriação de várias atitudes em que, a cultura se articula com orientações que balizam a formação do ser humano em um “complexo simbólico que nomeia, julga, orienta e educa os sujeitos face ao mundo em que vivem” (Mota Neto, 2008).

Sobre Cultura e Saberes, Martinic (1994) afirma que o saber que aflora em um cotidiano por meio da informação está estreitamente ligado à prática cultural dos sujeitos. Para o autor “el saber expressa lo que socialmente um grupo o sociedade institucionaliza como real” Martinic (1994, p. 71).

O conceito de saber, numa dimensão epistemológica, significa “todo um conjunto de conhecimentos metodicamente adquiridos, mais ou menos sistematicamente organizados e suscetíveis de serem transmitidos por um processo pedagógico de ensino” (Japiassu, 1986, p. 15).

Sobre os saberes existentes em um terreiro de Candomblé nossos entrevistados assim se expressam:

São muitos os saberes do terreiro, desde as rezas para os *orôs* até as vestimentas. A comida e a forma de preparar para seu *òrìṣà* é outro saber, porque não é só saber que comida fazer, tem reza, tem cântico e alimentos certos para fazer a comida. Outro saber importante são as folhas, saber para que eu vou usar esta folha, saber que horas eu vou tirar uma folha de uma planta, e tem que saber rezar a folha na hora de tirar e de passar ela na pessoa. Outro saber importante é saber respeitar seu mais velho, sem seu mais velho não existe continuidade (*Mam’etu de Òṣàlùfàn*).

O saber no terreiro é cozinhar para o *òrìṣà*, é saber rezar esta

comida, quando rezar. É conhecer uma erva, saber que hora vai colher, saber pra que essa erva serve, se ela é quente ou fria e a que *òrìṣà* pertence. É o saber das comidas ofertado aos deuses. É saber dançar e quando fazer os movimentos de acordo com as cantigas. É saber a música e quando cantar. É saber os *ítans* (mitos), os *oríkis* os *áduràs* (orações apropriadas para determinantes momentos, nota nossa). É ser ético e preservar a natureza (*Èkéjì de Ọṣùn*).

Saberes de uma folha, de você saber o que é uma folha que você deve dar um banho no filho; saber qual é a comida que você deve dar para aquele determinado *òrìṣà* nos caminhos que ele se apresenta, saber a reza que você deve fazer para ofertar e se alimentar. Ainda têm o saber das rezas para tomar banho, para pegar numa faca, para ascender uma vela, essas são as importâncias dos saberes. E um dos saberes mais específico é o jogo de búzios, onde o *òrìṣà* conversa com o pai de santo dizendo o caminho deste filho é assim, e você vai fazer assim. (Babalorixá de *Şàngó*).

Diante dos relatos, compreende-se que os saberes existentes no cotidiano do terreiro não apresentam uma única forma, um único saber de conhecimento válido, e sim múltiplas formas de saberes construído cotidianamente por homens e mulheres em suas práticas sociais. Há uma visão coletiva entre eles sobre estes saberes, que demonstram serem eles expoentes de um terreiro. Chamam atenção dois saberes, folhas e alimentação retratadas nos três depoimentos de nossos interlocutores.

Sobre as folhas ressalta-se que o uso de plantas sagradas atende aos aspectos litúrgicos das comunidades de *àṣẹ*, o ditado *africano* "*Kò sí ewé, kò sí Ọrìṣà*", em uma tradução, "Sem folha não tem *Ọrìṣà*", revela ser elas o elo fundamental entre o mundo físico e as divindades. Isto se dá pelo fato de possuir um caráter fármaco-botânico, empírico e individual (Barros, 1983; Verger, 1995; Camargo, 1988). Subentendemos nos depoimentos da *Mam'etu Ọṣàlùfàn* e da *Èkéjì de Ọṣun* que as folhas como base fundamental do culto nos terreiros apresentam uma variedade de ritos particulares, seguindo uma estética ritual meticulosa.

Sobre o saber de uma comida a ser ofertada aos *Ọrìṣàs*, compreende-se, na fala de nossos interlocutores, um ritual específico em seu preparo, que envolve outros saberes no cotidiano do Candomblé. Também se percebe que no universo sagrado desta religiosidade a comida assume um significado amplo,

promovendo a socialização entre os iniciados, a mediação e comunicação com os *Òrìṣàs*. Para Loss e Azevedo Netto (2022) “a alimentação é o cerne da relação do povo de *àṣẹ* com as divindades e o sagrado”.

As vestimentas, citada por *Mam’etu Òṣàlùfàn* nestas comunidades, refletem um sentido para além de “cobrir e enfeitar o corpo” carregando a compreensão do todo, como ritual, como parte de uma comunidade e pertença de um grupo. As músicas são as formas de se conectar com o sagrado e a dança é a expressão das divindades e estão relacionadas às letras das músicas que sempre relata um mito. A indumentária e a dança no terreiro se tornam um prolongamento da corporeidade do (a) neófito e a música uma expressão da religiosidade constituindo parte da identidade da comunidade.

Ao serem mencionadas as rezas, *oríkìs* e *áduràs*, observa-se que elas são a essência dos diversos saberes que permitem oferendas, invocação e agradecimento aos *Òrìṣàs* sendo apreendidas nas ritualísticas do culto. Efetuadas em *yorùbá*, os *áduràs* e os *oríkìs*, se forem “feitas pelas pessoas ligadas ao culto difundem amplamente os conhecimentos relativos aos orixás e os perpetuam” (Sàlámì, 1990, p. 20).

O jogo de búzios a que se refere o Babalorixá de *Ṣàngó*, em nossa observação participante, é visto extensivamente usado em todos os passos dos rituais e nada se faz no Candomblé sem uma consulta prévia a este oráculo. Uma prática divinatória restrita aos Babalorixás e Iyalorixás, o jogo de búzios além de consolidar a liderança sacerdotal, é um dos mais eficazes instrumentos de poder nas mãos dos pais de santos, pois, faz acontecer às determinações dos *Òrìṣàs* (Braga, 1988).

Diante do exposto, reler uma tradição histórica africana milenar, ressignificada frente à diáspora é perceber como o Candomblé, enquanto religião de uma cultura africana, enxerga sua história por intermédio de práticas culturais e os saberes transmitidos na socialização, no cotidiano de um terreiro, por meio de um processo informacional, configurando o advento da experiência e apreensão de uma memória ancestral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado revela que a modernidade fica presa a uma racionalidade abissal, que preconiza o saber a um conhecimento estruturado à ciência em detrimento a outros saberes. Porém é na pós-modernidade, na racionalidade pós-abissal, responsável por uma visão global onde todos os saberes são contemplados, que nosso estudo está ancorado onde os saberes existentes nos terreiros de Candomblé são contemplados, reconhecidos em seus direitos, pois, nenhum conhecimento é padrão, já que todos possuem suas teorias.

Observa-se que o respeito aos mais velhos, a preservação e o respeito à natureza é base do Candomblé nas práticas culturais e se estabelece desde o primeiro momento de inserção do sujeito no terreiro. Já nos saberes das folhas, da comida ofertada aos òrìṣàs, rezas e òríkìs veicula aspectos doutrinários relacionados aos ritos no cotidiano de um terreiro.

Sobre as práticas culturais, transmitida e socializada nas relações interpessoais, nas experiências diárias, nas rodas de conversas os saberes são permeados por singularidades e características próprias, apresentando as seguintes particularidades: ocorre em ambiente religioso, em seu cotidiano, não apresenta uma metodologia sistematizada, e, todo o aprendizado ocorre por meio da pedagogia do ritual sagrado.

Conclui-se que, primando pela liturgia do culto Candomblé, no processo infomemorial dos saberes nas práticas culturais nos espaços de terreiro, crianças, adolescentes e adultos aprendem, de forma ritualística e celebrativa, conhecimentos religiosos culturais, salvaguardados de geração a geração. Diante da riqueza da temática muito ainda se tem a pesquisar e escrever sobre as práticas culturais e os saberes que o Candomblé possui no que diz respeito às folhas utilizadas na ritualidade, os mitos que expressam os movimentos nas danças dentre outros elementos presentes nesses espaços de infomemórias.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Informações e Memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, Dourados, v. 1 n. 2, p. 520, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/412>. Acesso em: 18 dez. 2025.

BÂ. Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1982.

BARROS, José Flávio Pessoa. **O segredo das folhas**: sistema de classificação de vegetais no Candomblé Jêje-Nagô do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas. 1983.

BRAGA, Julio Santana. **O Jogo De Búzios**: um estudo da adivinhação no candomblé. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CAMARGO, Maria Thereza Lemos de Arruda. **Plantas medicinais e de rituais afrobrasileiros**. São Paulo: ALMED, 1988.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte, MG: ENANCIB, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 22 mar. 2024.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.12, n.1, p.148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/j7936SHkZJkpHGH5ZNYQXnC/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2024.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos Terreiros**: como a escola se relaciona com crianças no candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Renata Silva da. **Iniciação religiosa e processos educativos no Terreiro de Candomblé Jeje Ilê Asé Gunidá**. 2017. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5212664. Acesso em: 19 dez. 2025.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/xDBTqDKvmcsvMnmwLWprjmG/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 18 dez. 2025.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: outline of the Theory of Structuration**. Cambridge: Polity Press, 1984.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HERMINIO, Beatriz. A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP)**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em: 18 dez. 2025.

INGOLD, Tim. 'Gente como a gente' O conceito de homem anatomicamente moderno. **Ponto Urbe - Revista do Núcleo de Antropologia da USP**, v. 9, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/217231/198691>. Acesso em: 18 dez. 2025.

INGOLD, Tim. That's enough about ethnography! **Hau: journal of ethnography theory**, v. 4, n. 1, p. 383-395, 2014. Disponível em: <https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau4.1.021>. Acesso em: 18 dez. 2025.

JAPIASSU, Hilton. **Introdução ao Pensamento Epistemológico**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral: África negra**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

LOSS, Dulce Edite Soares. **Hungbê, um passado como referência: narrativas e experiências de ancestralidade nas práticas educativas no Ilê Axé Omilodé**. 249 fls. Dissertação (Pós-Graduação em História) – Universidade Federal de Campina Grande, João Pessoa, 2020.

LOSS, Dulce Edite Soares; AZEVEDO NETTO Carlos Xavier de. Ounje mimọ: informação e memória em um terreiro de candomblé. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, **Anais eletrônicos** [...]. Porto Alegre, RS: ENANCIB, 2022. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxiiencib/paper/viewFile/847/757>. Acesso em: maio. 2024.

MACHADO, Vanda. **Àqueles que tem na pele a cor da noite**: ensinâncias e aprendizagens com o pensamento africano recriado na diáspora. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2006.

MARTELETO, Regina Maria. Educação e Informação: a distribuição da Informação na sociedade. **Tempo Brasileiro**, [S.l.], v. 1, 1986.

MARTINIC, Sergio. **Saber popular y Identidad**. In: GADOTTI, Moacyr; TORRES Carlo Alberto (Orgs.). Educação Popular: utopia latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994.

MOTA NETO, João Colares da. **A educação no cotidiano do terreiro**: saberes e práticas culturais do Tambor de Mina na Amazônia. 2008. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2008.

NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. Concepção Infomemorial no Campo da Ciência da Informação: Aspectos Teóricos e Epistemológicos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador, BA: ENANCIB, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/enancib2016>. Acesso em: 15 maio. 2023.

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Cotidiana**: teorias, métodos e estudo de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados**: Orixás na Alma Brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PRANDI, Reginaldo. Deuses Africanos no Brasil Contemporâneo (introdução sociológica ao candomblé de hoje). **Horizontes Antropológicos**, v. 1, n. 3, p. 10-30, 1995.
SÁLÂMÌ, Síkírù. **A Mitologia dos Orixás Africanos**. São Paulo: Oduduwa, 1990.

SAMPAIO, Débora Adriano; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Memória, museus e ciência da informação: uma perspectiva interdisciplinar. **Bíblios**, n. 52, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/161/16129466004.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 31-83.

SILVA, Claudete do Socorro Quaresma da. Brinquedos de Miriti: saberes cotidianos afirmando a diversidade e a identidade. In: DOURADO, Cleonice

Reis Souza; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. (Org.). **Diálogos entre a Epistemologia e a Educação**. Belém: CCSE-UEPA, 2013.

TAVARES, Ildásio. **Xangô**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé: o uso das plantas na sociedade Iorubá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Corrupio, 1981.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information Processing and Management**, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WERSIG, Gernot; NEVELING, Ulrich. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**, v. 9, n. 4, 1975.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade (1780 -1950)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

CULTURAL PRACTICES: INFOMEMORIES AND KNOWLEDGE IN CANDOMBLÉ

ABSTRACT

Objective: The cultural practices in the socialization of ancestral knowledge in the Candomblé terreiros, called Hungbê by its practitioners, translated into Portuguese - *àçê* education -, erase the abyssal lines of hegemonic Cartesian thought in modernity. The present research based on the post-abyssal and decolonizing perspective of this thought in postmodernity aims to identify the infomemorial process and the multiplicity of specific knowledge in Candomblé present in the cultural practices of its daily life. **Methodology:** With a qualitative approach, the methodology used was participant observation, through informal conversations and semi-structured interviews with parents/mothers of saints and an Êkéjì, nation of Angola and Ketu, who served as sources of information. **Results:** The result presented reveals that, through Hungbê, the ancestral knowledge in Candomblé, permeated by singularities and its own characteristics, presents the following particularities: it occurs in a religious environment, in everyday life, it does not present a methodology and all learning takes place through the pedagogy of sacred ritual in terreiro spaces. **Conclusions:** It is concluded that, focusing on the liturgy of the Candomblé cult, in the infomemorial process of knowledge in cultural practices in terreiro spaces, children, adolescents and adults learn, in a ritualistic and celebratory way, cultural religious knowledge, safeguarded from generation to generation.

Descriptors: Abyssal/Post-Abyssal Thinking. Candomblé. Information. Knowledge.

PRÁCTICAS CULTURALES: INFOMEMORIAS Y SABERES EN EL CANDOMBLÉ

RESUMEN

Objetivo: Las prácticas culturales en la socialización del conocimiento ancestral en los terreiros del Candomblé, llamados Hungbê por sus practicantes, traducidos al portugués - àșe education -, borran las líneas abismales del pensamiento cartesiano hegemónico en la modernidad. La presente investigación, basada en la perspectiva postabisal y descolonizadora de este pensamiento en la posmodernidad, busca identificar el proceso infomemorial y la multiplicidad de conocimientos específicos del Candomblé presentes en las prácticas culturales de su vida cotidiana. **Metodología:** Con un enfoque cualitativo, se utilizó la observación participante, mediante conversaciones informales y entrevistas semiestructuradas con padres/madres de santos y un Èkéjì, de las naciones de Angola y Ketu, quienes sirvieron como fuentes de información. **Resultados:** El resultado presentado revela que, a través del Hungbê, el conocimiento ancestral del Candomblé, impregnado de singularidades y características propias, presenta las siguientes particularidades: se desarrolla en un entorno religioso, en la vida cotidiana, no presenta una metodología y todo aprendizaje se realiza mediante la pedagogía del ritual sagrado en espacios terreiros. **Conclusiones:** Se concluye que, centrándose en la liturgia del culto del Candomblé, en el proceso infomemorial de conocimiento en las prácticas culturales en espacios terreiros, niños, adolescentes y adultos aprenden, de forma ritualística y celebrativa, el conocimiento religioso cultural, resguardado de generación en generación.

Descriptores: Pensamiento Abisal/Postabisal. Candomblé. Información. Conocimiento.

Recebido em: 09.04.2025

Aceito em: 08.12.2025